

## Notas e Recensões

O DISTRITO DE BRAGANÇA EM 1876 NUMA  
CARTA DE D. ANTÓNIO XAVIER PEREIRA COUTINHO



«Em 1878 recebi de Bragança carta do meu colega Dr. Paulino de Oliveira, então encarregado do estudo do Phylloxera na região do Douro, na qual se lia o seguinte: «está aqui um agrónomo muito concentrado, andando por toda a parte colhendo plantas. Se lhe escreveres será possível que êle te mande algumas.» (...) escrevi-lhe e tive logo resposta, prometendo-me o seu auxílio e mandando-me até toda a colecção de plantas que na região de Bragança tinha organizado, para que eu a podesse ver e estudar. Assim começaram as nossas relações.»<sup>1</sup> - e profícuas foram as relações científicas entre o Prof. Júlio Henriques e D. António Xavier Pereira Coutinho. O primeiro, catedrático da Faculdade de Ciências de Coimbra e director do Instituto Botânico, congregava então vontades para a fundação da Sociedade Broteriana; o segundo, agrónomo no distrito de Bragança desde fins de 1875, iniciava uma carreira que o consagraria como um dos grandes nomes da Botânica e da Silvicultura portuguesas.

---

<sup>1</sup> Henriques, Júlio A. - «António Xavier Pereira Coutinho» in *In Memoriam do Professor D. António Xavier Pereira Coutinho*, Porto, s. ed., 1940, p. 111.

D. António Xavier Pereira Coutinho nasce em Lisboa em 1851. Frequenta desde 1863, primeiro a Escola Politécnica e depois o Instituto Geral de Agronomia, cujo curso termina em Dezembro de 1874, defendendo a tese intitulada: *Como ha-de ser estudado o clima agrícola? - O estudo do clima agrícola é o estudo do clima local*. Parte no ano seguinte para Bragança, percorrendo largamente a região de Trás-os-Montes. A sua permanência à frente da «Quinta Districtal» salda-se num sucesso. Ferreira Lapa comentará sobre o relatório apresentado pelo agrónomo em 1877: «...é muito para recomendar a leitura do relatório do agrónomo de Bragança. Há ali exemplo para agrónomos e ensinamento para agricultores. Escritos destes fundam a confiança nas sciencias agronómicas e estabelecem a reputação publica do escritor, ao qual direi, não com a auctoridade de mestre, que mestre é ele já e melhor, mas com o entusiasmo de amigo: Avante com Deus, e com a Sciencia!»<sup>3</sup>

Em 1878 é nomeado para a comissão de estudo e tratamento das vinhas do Douro e um ano depois para chefe de serviço do Instituto Agrícola. Em 1880 inicia a carreira docente, apresentando dois anos depois ao conselho escolar do Instituto Geral de Agricultura a tese *A Silvicultura no distrito de Bragança*<sup>4</sup>, no concurso para provimento da cadeira de Silvicultura e Economia Florestal. Lente catedrático, toma conta da regência da cadeira no ano seguinte. Em 1890 ocupa o cargo de naturalista adjunto da Secção Botânica do Museu Nacional, por proposta do Conde de Ficalho, lugar em que permanecerá até 1921. Em 1891 candidata-se e obtém o lugar de lente substituto da IX cadeira da Escola Politécnica. É catedrático de Botânica em 1903, após a jubilação de D. Francisco de Mello Breyner, regendo os cursos de Botânica Geral, Botânica Especial e Geografia Botânica, até à sua aposentação em 1921. Será durante 30 anos o mestre de gerações de botânicos e silvicultores.

D. António Xavier Pereira Coutinho é autor de uma importantíssima obra onde avultam as recolhas botânicas ( como *A Flora de Portugal*, o seu mais conhecido trabalho e os catálogos dos diversos herbários da Universidade de Lisboa) e os estudos agropecuários e silvícolas que contemplam regiões geográficas diversas<sup>5</sup>. Nunca deixou porém de se interessar pelo seu primeiro campo de estudo - Trás-os-Montes. Além dos trabalhos já citados, publica em 1883: «Apontamentos para o estudo da flora transmontana»<sup>6</sup>, no ano seguinte «Emendas e additamentos à lista de plantas transmontanas»<sup>7</sup> e «O Distrito de Bragança na Exposição Agrícola de Lisboa»<sup>8</sup>. Entre 1888 e 1890 vêm a

<sup>2</sup> Lisboa, 1874, 140 p. O curso de Agronomia criado por decreto lei de 1852 sofreu em 1865 urna primeira reforma ao mesmo tempo que a Silvicultura obtinha um estatuto autónomo, como curso independente. A tese de Pereira Coutinho, de 1880, será um estudo de Silvicultura.

<sup>3</sup> Cit. por D. Luiz de Castro - «D. António Xavier Pereira Coutinho» in *In Memoriam... Op. cit.*; p. 273.

<sup>4</sup> Lisboa, 1882, 59 p. Sobre a bibliografia científica de Pereira Coutinho, consulte-se a lista de publicações organizada pela redacção do *Boletim da Sociedade Broteriana*, no vol. XIV da 2.<sup>a</sup> sér. (Coimbra, 1940, p. XI-XX).

<sup>5</sup> *A Mora de Portugal (plantas vasculares) disposta em chaves dichotomicas*, Paris-Lisboa-Rio de Janeiro, 1913, 766 p.; *Herbarii Gorgonei Universitatis Olisiponensis Catalogus* (1914), *Lichenum bisetamurum herdarã...* (1916), *Hepaticae lusitanicae Herbarii...* (1917). A vitivinicultura, os adubos, a criação de gado, os têxteis, a apicultura são temas debatidos e sempre retomados nos perto de 200 títulos de sua autoria vindos a lume.

<sup>6</sup> *BoksÁm da Sociedade Broteriana*, Coimbra, II, 1.<sup>a</sup> sér., 1883, p. 129-163.

<sup>7</sup> *IUA.*, iH, L<sup>a</sup> -sér., UM. p. M-49.

<sup>8</sup> *Revista da Exposição Agrícola âe Lisboa*, Lisboa, 8, 1884, p. 292-295.

lume no *Agricultor do Norte de Portugal* as «Chronicas agrícolas» e em 1889, «A sericicultura em Trás-os-Montes»<sup>9</sup>, problema sobre o qual deu à estampa vários contributos, na sequência dos trabalhos que Alfredo Carlos Le Cocq iniciara sobre as sirgarias da região<sup>10</sup>. Quase octogenário e retirado da vida científica, publica ainda a pedido de Luiz Carriso e Aurélio Quintanilha, para a 2.ª série do Boletim da Sociedade Broteriana, uma sequência de pequenos artigos entre os quais: «Notas a algumas plantas transmontanas»<sup>11</sup>.

Aurélio Quintanilha e Abílio Fernandes visitam D. António em 1935, na sua Quinta de Caparide (Parede), nos arredores de Lisboa: «...subimos: à porta encontrava-se já um velhinho muito alquebrado, de longas barbas brancas e cujo rosto traduzia a mais intensa alegria. Entrámos e conversámos durante muito tempo sobre as coisas botânicas portuguesas. O Dr. Quintanilha expoz-lhe os seus projectos e falou-lhe dos seus trabalhos (...) Os olhos claros, vivos e inteligentes de Pereira Coutinho seguiram avidamente a exposição e traduziam bem aquela satisfação do Mestre que se orgulha do discípulo!»<sup>12</sup>

Em 1875, D. António Xavier Pereira Coutinho está em Bragança, percorrendo os campos, organizando herbários, fazendo cursos de agricultura<sup>13</sup>. Jaime Batalha Reis, seu professor no Instituto Geral de Agronomia, quase de partida para os Estados Unidos da América como comissário na Exportação de Filadélfia, comemorativa da independência daquele país, recebe uma carta: «Tenho modificado m<sup>to</sup> as minhas ideias agrícolas desde que aqui cheguei e o plano de exploração que adopto affasta-se do seguido usuat<sup>o</sup> em estabelecimentos d'estes, que precisa quasi ser acompanhado com uma defesa, que eu estou prompto a dar se preciso for.»<sup>14</sup> O jovem agrónomo dois meses antes da sua nomeação oficial para o cargo, toma já o pulso à «granja modelo» e pensa no futuro relatório a apresentar.

Batalha Reis, também ele agrónomo e engenheiro florestal desde 1866, iniciara-se no estudo de um distrito do norte do País - Viseu - publicando em 1871, *Agricultura no Districto de Viseu*<sup>15</sup>. Nomeado em 1872 chefe de serviço agrícola no Instituto Geral de

<sup>9</sup> *A Agricultura Contemporânea*, III, 1889, p. 224-226 e 259-260.

<sup>10</sup> Nas notas ao capítulo sobre as «relações económicas» no Alto Trás-os-Montes, diz Vergílio Taborda, em 1932: «Sobre a decadência da sericicultura do distrito de Bragança ver os extractos dos notáveis relatórios dos agrónomos Alfredo Carlos Le Cocq, de 1875, e do seu sucessor Sr. D. António X. Pereira Coutinho, de 1876...» (*Alto Trás-os-Montes. Estudo Geográfico*, 2.ª ed., Lisboa, Horizonte, 1987, p. 122).

<sup>11</sup> Fernandes, Abílio - «D. António-Xavier Pereira Coutinho e a Sociedade Broteriana» in *In Memoriam...*, op. cit., p. 59. As «Notas...» encontram-se publicadas no vol. V da 2.ª sér., 1928, p. 227-233. Relacionados com a sua estada em Trás-os-Montes referem-se ainda na já citada lista bibliográfica (ver nota 2): «Anais agrícolas do distrito de Bragança» e os artigos publicados no *Jornal Oficial de Agricultura*: «O ano agrícola de 1876-77 no distrito de Bragança» e «Cultura da beterraba na Quinta distrital de Bragança».

<sup>12</sup> Fernandes, Abílio-Op. cit., p. 42-43.

<sup>13</sup> Lembrará o Conde de Nova Goa, D. Luiz de Castro no *In Memoriam*: «Até 1876 conservou-se em Bragança onde regeu gratuitamente a cadeira de apicultura no Lyceu, tendo-se matriculado para o ouvir as pessoas mais gradas da região, á testa em «pães o governador «vil.» ifkp. ck., p. 273).

<sup>14</sup> Biblioteca Mariomal de Lisboa <BNL>, «Espólio de Jaime Batalha Reis» <Esp. rv% Cx. 83/6,1%. 135 <28>).

<sup>15</sup> Lisboa, faip. Nac, 1871, B5 p. Sotore Jaime Batalha Reis agrónomo e geógrafo, ver nota que publicámos na revista *Finistewa*, aquando do cimipenténario da sua morte (Lisboa, XX, 40, 1985, p. 300-314).

Agricultura, aí rege as cadeiras de Botânica e Economia Rural e Florestal. Um ano mais tarde fará parte da comissão de estudo da filoxera no Douro, como Pereira Coutinho, cinco anos mais tarde integrará uma outra<sup>16</sup>.

A vida científica e o ensino das ciências agronómicas juntá-los-ão ainda em Lisboa. Batalha Reis obtém o lugar de lente da cadeira de Nosologia Vegetal e Microscopia em Dezembro de 1882, mas já meses antes confirmara a sua opção pela carreira diplomática ao ser nomeado cônsul de 1.<sup>a</sup> classe em Newcastle, cargo de que toma posse em Agosto do ano seguinte<sup>17</sup>.

Os entraves políticos postos à sua carreira de agrónomo que se ligam de perto às suas posições ideológicas no seio da Geração de 70 e da sua participação directa nas Conferências do Casino, ultrapassá-los-á Batalha Reis, partindo para iniciar um outro itinerário que também sempre desejava<sup>18</sup>.

Ligados por profundos laços de amizade e por interesses científicos comuns, nunca perderão o contacto entre si. Retirados, um em Torres Vedras e outro na Parede, morrerão ambos aos 88 anos: Jaime Batalha Reis em 1935 e Pereira Coutinho quatro anos depois.

Foi trabalhando por um lado na recensão à obra de Vergílio Taborda, *Alto Trás-os-Montes. Estudo geográfico*, recentemente reeditada<sup>19</sup> e, por outro, sobre a correspondência de Bernardino de Barros Gomes (também notável silvicultor e geógrafo) existente no espólio de Jaime Batalha Reis<sup>20</sup>, que nos interessámos pela figura de D. António Xavier Pereira Coutinho e pela sua importância para a História da Geografia em Portugal. Relendo os estudos geográficos sobre o nordeste demo-nos conta do seu contributo pioneiro; compulsando a valiosa correspondência enviada a Batalha Reis, encontrámos um mundo de informação sobre os trabalhos de campo e os acontecimentos científicos em que participavam, sobre obras lidas ou a ler, sobre a vida académica. O que retemos é sobretudo a entreaajuda, o interesse e admiração pelos trabalhos mútuos.

«Envio, conforme pede, a nota dos trabalhos agrícolas, que se executam em cada mez do anno n'este districto (...) Como sabe este districto tem climas diversissimos, e por isso as operações agrícolas variam m<sup>u</sup> na forma e no tempo, consideradas em pontos diversos; por isso é difficil formular uma nota d'esta natureza./ Vali-me das participações quinsenaes que recebo dos differentes concelhos, e sobre os dados que ellas tra-

<sup>16</sup> «Pereira Coutinho (António Xavier)» in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, XXI, Lisboa, Ed. Enciclopédia, s. d, p. 193.

<sup>17</sup> Machado, A. Reis — «Introdução» in *Estudos Geográficos e Históricos* de Jaime Batalha Reis, Lisboa, Agencia Geral das Colónias, 1941, p. IX.

<sup>18</sup> Costa, Fernando Marques da - «Sobre um possível Jaime Batalha Reis e tábua biocronológica de Jaime Batalha Reis», *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 3 (1-2), 1983, p. 136. O caso da viagem aos Estados Unidos é um bom exemplo desses entraves. Encarregue por despacho oficial de Outubro de 1876 de estudar a cultura da vinha e o tratamento da filoxera naquele país, terminada que fosse a Exposição de Filadélfia, é informado passados poucos meses de que todas as suas comissões haviam sido suspenhas pelo ministro João de Barros e Cunha, que sobraça a pasta das Obras Públicas do novo ministério Ávila, sucessor do de Fontes Pereira de Melo, desde Março de 1877. O Marquês não esquecera o conferencista do Casino, (*ibid.*, p. 151).

<sup>19</sup> Ver ref. nota 10.

<sup>20</sup> Sobre Bernardino de Barros Gomes ver de Orlando Ribeiro: «Barros Gomes, geógrafo», *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, II, 1, 1934, p. 104-112 e «Cartas Elementares de Portugal, de Bernardino de Barros Gomes (1878)», *Finisterra*, Lisboa, XIII, 26, 1978, p. 226-229.

sem me fundamentei.»<sup>21</sup> - numa carta de Bragança, de 25 de Maio de 1978. Escassos meses antes, Jaime Batalha Reis havia sido eleito vice-presidente da assembleia geral da Real Associação Central de Agricultura Portuguesa e Pereira Coutinho preparava-se para trocar Trás-os-Montes por Coimbra, ainda que por breve tempo.

Mas voltemos a 1876 e a um outro pedido de informações sobre o extremo nordeste de Portugal, que Batalha Reis fizera ao agrónomo «exilado». Tratava-se de «13 quesitos» sobre a agricultura e a pecuária no distrito de Bragança, bem como sobre as indústrias do linho e da seda. Da natureza dos solos ao preço e escoamento dos cereais, das rudimentares condições de produção dos têxteis à crise sericícola que grassa, a tudo Pereira Coutinho responde minuciosamente<sup>22</sup>. A carta data de 13 de Março, a 22, Batalha Reis receberá o passaporte que o credencia como comissário na Exposição de Filadélfia. Partirá com a família, pouco tempo depois.

Pereira Coutinho fora encarregue de reunir as amostras de produtos agrícolas do distrito para a exposição e prepara o relatório sobre a estação experimental da Quinta da Font'Arcada, que apresentará ao governador civil no ano seguinte<sup>23</sup>, por isso se encontra tão bem documentado, por isso acrescenta às respostas «alguns esclarecimentos mais relativos ao estado cultural e económico do districto». Se as informações em resposta ao pedido de Batalha Reis eram já importantes de dar a conhecer pelo seu rigor e pormenor, os «esclarecimentos» em adenda, tornam a missiva do discípulo para o mestre um *documento*, que dá razão a esta nota e que em seguida transcreveremos na íntegra.

Sintetizam-se aí as ideias e os temas que desenvolverá no capítulo I do seu relatório, intitulado: «Rápido esboço do estado económico e cultural d'este districto de Bragança», do qual copiamos as primeiras linhas:

«Quem percorrer, ainda que seja rapidamente, este districto, vê logo quanto são avultadas as suas riquezas naturais. (...) Mas no entanto esta primeira impressão de riqueza vem logo associada com outra, que se pôde talvez exprimir pela palavra - aridez - bem triste, bem estranha, por isso mesmo que as duas são opostas e formam tamanho contraste.

É que na montanha nua de qualquer vegetação, de ordinário até a mais rasteira, a terra despega-se e cae sob a acção das chuvas e das geadas. No valle, por onde serpenteia a corrente, as aguas alagadiças, e sem que sejam reguladas, formam brejo improductivo. No cimo apparecem despidas as rochas, esqueleto informe que deixa romper a descoberto a carne que se esphacela: em baixo os lódos fertilissimos ficam perdidos e são arrastados pelas aguas.

Atravessam-se assim por esta forma largos tractos de terreno, ora vadeando uma corrente, ora pela lombada ou meia encosta da serra, seguindo o atalho caprichoso talhado e batido com os pés dos homens e dos animaes.

Continuando assim o caminho vê-se de repente a paisagem mudar de aspecto. No valle as aguas são melhormente repartidas, e o paul torna-se em lameiro que se cobre de herva; a vinha trepa em alguma das encostas; nas terras menos fundas apparece o centeio em companhia de algum dos outros cereaes; nas terras mais quentes encontra-se sempre a oliveira; e associadas a estas, que diremos culturas predominantes, agrupam-se então uma infinidade de outras mais secundárias, e variando sempre com o terreno e com o clima. No centro de um d'estes pedaços cultivados encontra-se uma povoação...»<sup>24</sup>

<sup>21</sup> BNL, Esp. IV, Cx. 83/6, Mc. 135 (28).

<sup>22</sup> *Ibid.*

<sup>23</sup> *A Quinta Districtal de Bragança no anno agrícola de 1875 a 1876. Relatório apresentado ao Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Snr. Adriano José de Carvalho e Mello digníssimo governador civil pelo agrónomo do districto...*, Porto, Typ. do Jornal do Porto, 1877, 56 p.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. II.



Pereira Coutinho retrata toda uma área isolada e adormecida onde, já bem entrada a segunda metade d& século XIX o sistema de troca directa é ainda vigente, onde das industrias «até os nomes são desconhecidos», onde as estradas se contam pelos dedos. Desse «paiz» que vive «entregue a si mesmo», deixa D. António na carta & Batalha Reis, um quadro triste e sombrio: as teóricas ideias agrícolas debatem-se ainda frente à realidade e a realidade não é encorajadora. Mas, mais um ano e dirá: «Traz-os-Montes deve ser a Suíça portuguesa. Acedentaçã© do seu terreno, o seu clima, o grande desenvolvimento que devem tomar aqui as industrias pecuárias e a viticultura, são o bastante para comprovar quanto é justa a comparação.»<sup>25</sup>

O entusiasmo do jovem agrónomo não foi recompensado. Cinquenta anos depois, a região será percorrida por um geógrafo - Vergílio Taborda - que dela fará um outro retrato. Tiás-os-Montes é porém e ainda o mesmo, por isso tantos os ensinamentos que Taborda colhe nas obras do mestre. As feiras, as tarefas agrícolas, as migrações de trabalho, tudo se mantém. «Finda a sementeira, a terra entra em repouso sobr o manto das geadas e com ela os homens, recolhidos à lareira, nos longos serões de Inverno, até que a Primavera, despertando a natureza, de novo os enleie nas malhas dos mesmos trabalhos.»<sup>26</sup>

O isolamento continuará ainda.

Caxias, Setembro de 1987

*João Carlos Garcia*

<sup>25</sup> *Md.*, p- XIÍ

<sup>26</sup> Taborda, Vergílio - *Op. cit.*, p. 69.

Bragança -13 de Março de 1876

Meu caro Amigo -

Conforme ao seu pedido ahi lhe mando o que poude safeer, com respeito aos 13 quesitos que me envia -

15 cumprindo a promessa que lhe fei em Lisboa mando alguns esclarecimentos mais relativos ao estado cultural e económico do districto - Vão sem ligação, e apresento-os ao correr da penna; faça d'elles o que quiser, sem o menor escrúpulo, casgue-os, ou utilize-os como poder, ficando sempre certo, da boa vontade, que tem em o servir o seu discípulo e Amigo - Gbg<sup>mo</sup> -

António Xavier P<sup>ra</sup> Coutinho

1.º *importância da cultura cereal no districto - Natureza dos solos -pousios e numero de annos dos differentes pousios segundo os terrenos -*

Relativamente á área cultivada é importante e talvez mais do que nenhuma outra, a cultura dos cereaes - os processos empregados são imperfeitos q<sup>to</sup> possível -

São aproveitados para este uso os terrenos menos fundos dos plainos, ou os das lombadas menos acidentadas - o terreno mais fértil fica para lameiro - mais fértil pela fundura, pela abundância de agoa, e variedade de composição -

A natureza dos solos destinados aos cereaes, é pelo geral a seguinte - provem da desagregação de alguma variedade de schisto, ás vezes não chegando a ter um palmo de fundura -

São pessimam<sup>te</sup> lavrados, e quasi nunca estrumados, porque o estrume é perdido com o systema quasi geral da pastoriação —

Nos terrenos mais delgaços cultiva-se o centeio, anno sim anno não, ficando o campo 4e pousio no anno d'intervalo -

Nos mais fundos o trigo alterna quasi geralm<sup>te</sup> com a batata — e é o afolhamento usado por q<sup>ta</sup>si todo o districto -

2.º *Os cereaes são consumidos no districto, ainda se importam, ou pelo contrario se exportam?*

Os cereaes usados são o *trigo* (barbella) o *seródio* (tremez) o *centeio* e o *centenimho* (centeio tremez) - O milho e a cevada cultivava-se em Moncorvo (Villariça) e Carzedá -

Não chegam p.<sup>ra</sup> consumo interno, e ha grande importação d' Hespanha, especialmente em centeio e farinhas -

A exportação é\* quasi nula; e se alguma se faz é de tremez (seródio) p.<sup>ra</sup> as províncias do Minho e **Douro** -

Actualm<sup>te</sup> seria com effeito difficilima a exportação de cereaes doeste districto, porq<sup>ue</sup> não ha meios nenhuns de communkação e o transporte seria tão elevado, que nunca *poderia* convir a unia tal empreza -

3.º *Gados - de que natureza - Condições de alimentação e criação - Para que pontos de consumo se dirigem,?*

São de L<sup>a</sup> importância no districto as espécies bovina e lanígera - segue-se a suína - fica bastante inferior relativam<sup>te</sup> a cavallar -

O systema quasi geral de alimentação é o das pastagens naturaes nos lameiros - Entre as raças bovinas torna-se notável a Mirandesa; sem contradição das mais presentes é o paiz -

Os beserros d'esta raça saem a recrear alem do Douro, e ficam unicam<sup>te</sup> em Miranda as fêmeas - são ellas que fazem as pequenas lavouras, que ha n'aquelle conce-lho -

A espécie lanigera é de laã longal - mais áspera e m<sup>to</sup> peor na terra fria, mais delicada e rugosa para o centro e sul do districto —

A espécie suina é m<sup>to</sup> pernalteira e de pouca engorda - seguem todos os processos d'engorda - aproveitando os restos das cozinhas no sustento, e depois alguma castanha, centeio -

O gado lanigero é exportado para Hespanha em grande abundância; o bovino vae a recrear á Beira, em m<sup>to</sup> novo; e importam-se m<sup>tos</sup> bois d'Hespanha para talho - Os beserros mirandeses vão até á Estremadura, passando de feira em feira á medida que vão crescendo um pouco —

4.º *Amêndoas — para onde se esgotam? —*

Produzem-se especialm<sup>te</sup> em Freixo e Moncorvo — são em parte consumidas no districto; de Freixo exportam p<sup>ra</sup> Hespanha, e de Moncorvo algumas p<sup>ra</sup> o interior do Reino -

5.ª *Preços do gado e da amêndoa n'estes últimos annos? O preço*

da amêndoa regula em media por 320 reis o kilo -Os preços do gado podem em geral considerar-se os seguintes -Um boi de trabalho (mirandez) - de 12 a 15 moedas -Uma vaca - de 30\$000 a 36\$000 -Um carneiro bom de 2000 a 2250 -Uma ovelha de 1100 a 1300 -

Uma vitella p<sup>ra</sup> talho (conforme o tamanho manho e estado de carnes) media - 10\$000 a 15\$000

Um porco (idem) media - de 4 a 5» libras -6.ª

*Centros da produção da seda e do linho?*

Em todo o districto se produz a seda e o linho - No entanto a maior produção da seda é nos concelhos de Macedo de Cavaleiros e Alfândega da Fé. É mais difficil marcar um ponto onde a cultura do linho seja maior do que na restante parte do districto - será talvez o concelho de Bragança -

7.º *Sítios onde se concentram para fiação ou para tecidos as sedas e os linhos produzidos? -*

1.º *Seda* -A seda é mais ou menos fiada toscam<sup>te</sup> em todo o districto - Mas com especialidade em Macedo, Alfândega, e Mogadouro - Poucos tecidos se fazem no districto e de pouquissima importância. Em Freixo tecem-se pannos para peneiras, ligas e cintas - em Bragança também se tece alguma cousa, mas insignificantissima -

2.º *Linho* - Fia-se e tece-se toscam<sup>te</sup> por todo o districto - em todas as aldeãs -

8.º *Qualidades da seda e linho? -*

1.º *Seda* - A semente introduzida julgo ser de qualidade uniforme (raça piemontesa) - pela fiação divide-se a seda em 3 qualidades -de 1.ª qualidade - a que chamam *fina* -de 2.ª » -» » » — *mais ordinária* de 3.ª » -» » » — *macho* -

2.º *Linho* - Cultiva-se em todo o districto o linho *gallego* - Na terra quente algum *mourisco* - o cânhamo em Moncorvo e Carrazeda (Villari-ça) - julgo que ha pequenas sementeiras do *linho de riga* - mas em pequenissimas quantidades, e não sei por onde -9.º *Preços da seda e linho? -*

*Seda* - Semente de sirgo (onça) 1\$000 rs

*Casulo* de 480 a 720 rs o kilo -*Seda fiada* de 1.<sup>a</sup> qualidade - 9\$000 rs o k. de 2.<sup>a</sup> qualidade - 7\$000 rs o k. de 3.<sup>a</sup> qualidade - 2\$200 rs o k. *Seda tecida* - preços m<sup>to</sup> variados -*Linho* - (em rama) *gallego* de 320 a 340 o k -*Linho cânhamo* - mais 50% -

10.º *Tecidos e obras que a seda e o linho são susceptíveis de fazer?*

Já disse quaes as obras principalm<sup>te</sup> fabricadas com seda -

Com o linho todos os tecidos domésticos - roupas brancas p<sup>ra</sup> uso do homem, roupas de cama, mesa -

11.º *Para onde se exportam - Portos estrangeiros e portugueses?* O linho é quasi todo consumido no districto - A seda é exportada quasi toda - Depois que veio a moléstia do sirgo, não sae p<sup>ra</sup> o estrangeiro; é vendida ou para Lisboa ou para o Porto -

12.<sup>a</sup> *Quantidades produzidas no districto?*

É impossível avalial-as, por isso que uma grande parte nunca saem de casa de quem as produzio -

13.º *Quantidades exportadas?* -

Refere-se este quesito só à seda, porq o linho não tem exportação, antes soffre bastante importação d'Hespanha -

É impossível responder actualm<sup>te</sup> a elle, porque depende da quantidade m<sup>to</sup> variável agora, de sirgo, que escapa á moléstia -

---

O districto de Bragança considera-se enq<sup>to</sup> ao clima e á cultura dividido em duas partes -

*terra fria* a zona do norte - caracterizada pelos gados -

*terra quente* a zona média e sul, caracterizada pela oliveira -

Tem todas as exposições e altitudes devidas ao relevo do seu terreno - é apto a um sem numero de culturas, mas está quanto possível despresado -

Não tem capitães, nem braços - Por circunstancias de força maior o seu mercado é quasi unicam<sup>te</sup> o interior, porque sem estradas e transportes, não pode exportar quasi nada -

A feição da sua vida agricola e económica é diferente nos differentes Concelhos -

Em Miranda é a agricultura na primeira infância - a pastoriação -

O gado come nos lameiros a herva que nasce expontânea; ha algumas cearas já, mas em pequena abundância em redor das povoações - é o centeio que hade sustentar a família -

O homem alli nunca trabalha - é indolente quanto possível - A lavoura fazem-na as mulheres, trazendo o filho ás costas seguro nas pregas da manta -

Alli não ha dinheiro quasi - trocam-se directam<sup>te</sup> os objectos necessários - ainda assim às vezes o alqueire de pão (centeio) faz o officio de moeda -

As fortunas são pequenas - Não ha n'este Concelho ricos nem pobres - As suas necessidades são limitadissimas e satisfazem-se com o que a terra lhes offerece - vestem a laã dos seus rebanhos, que as mulheres fiam, e algum linho que teem -

N'estas circunstancias, apesar de m<sup>to</sup> rareadas as povoações nunca se queixam de falta de braços nem de capitães - porq não precisam nem uns nem outros p<sup>ra</sup> a sua cultura - se cultura se lhe pode chamar -

Passando ao extremo mais opposto - no sul e no centro a par dos gados e dos cereaes aparece grande quantidade de vinho e azeite - ahi, são já precisos mais braços e capitães - mas os primeiros escasseiam de todo, e difficilm<sup>te</sup> são suprimidos nos tem-

pos de maior grangeio por bandos de emigrantes, especialm<sup>te</sup> d'Hespanha - os capitães estão acumulados em mãos de usurários, que emprestam com juro inqualificável, de ás veses de cento por cento -

Estabelece-se quasi ahí uma lucta - a cultura a querer progredir, e as condições de mercado a impedir-lh'o -

Porque, pelo menos eu assim o julgo, esta falta de braços e de capitães não são mais do que a consequência rigorosa da falta de mercados - Para que serve produzir mais e melhor, se não tem venda? -

Na zona media ha a ligação dos dois extremos - recente-se de ambos - Nos centros mais avultados de população as terras dos maiores proprietários andam pelas mãos de *quinteiros*, que pouco as zellam - as terras dos pequenos proprietários são fabricadas sempre tarde e a más horas, porq antes de a fabricar o proprietário *anda á geira*, a fazer o trabalho alheio - Ainda assim estas palavras maior e menor proprietário são meram<sup>te</sup> relativas uma á outra - Toda a propriedade é aqui m<sup>to</sup> dividida - e raro também é o homem que não possui uma nesga de terra-

Da falta de mercado com todas as suas consequências - falta de braços e capitães é que depende sem duvida a forma de agricultura d'este districto, q encontra assim natural explicação - O melhor terreno, o mais fundo, o anateirado do valle, e que tem a flor da terra q escorrega das ilhargas, fica de prado natural - as encostas mais suaves são lavradas, as mais alcantiladas ficam de vinha - Tudo isto formando uma zona em redor de cada povoação -

E assim devia ser - Não ha braços nem capitães p<sup>ra</sup> cultivar, a natureza que dê o sustento do gado, que conforme poder e com as suas forças o homem lá irá aproveitando o resto -

Talvez filhos de tudo isto, é que sejam por fim os hábitos de preguiça da maior parte do lavradores de Tras-os-Montes -

Tudo quanto se vê são apenas consequências da causa que apontámos -

Na exploração do gado ficam apenas os gados miúdos - carneiros e porcos - e os vitellos e os beserros, e são vendidos os bois, p<sup>ra</sup> que avolumem com pastos mais substanciais; aqui tem de se contentarem com a herva expontânea, porq o trabalho do homem não pode ir mais longe -

A exploração da vinha pouco mais alem pode ir, do que a satisfazer as necessidades da povoação mais próxima - Pois se o carro passa difficilm<sup>te</sup>, ou mesmo não passa de povoação a povoação próximas, como hade ir mais longe, procurar com o produto melhor preço? -

Nem me parece necessário insistir mais n'este ponto

O trabalho é em todo o districto relativam<sup>te</sup> bem remunerado - é a consequência da falta de operários - Estes trabalham bem, e com intelligencia, mas no geral são pouco assíduos, e em m<sup>tas</sup> partes do districto é impossível obrigar-os a começarem o trabalho antes das 8 horas da manhã - quer de verão ou d'inverno -

Na parte industrial o districto está tanto, ou se é possível - mais atrasado, do que na parte agrieola -r

A industria - na sua primeira idade - liga-se com a Agricultura, e vê se assim aca-nhada e a custo pode viver - O linho e a laã são na quasi totalidade fiados e tecidos em casa do productor - e das outras industrias, das que não tem por fim satisfazer alguma necessidade bem imperiosa da vida, até os nomes são desconhecidos no districto -

Ainda assim - pelo menos nos concelhos limitrophes com Hespanha - faz-se alguma importação, principalm<sup>te</sup> em tecidos, e outros - que seja dito de passagem - passam em grande parte como contrabando, segundo creio-

Uma das industrias, que mais convinha actualm<sup>te</sup> ao districto, por isso que sem ter transportes caros, tem em pequeno volume grande valor - a da seda - está inteiram<sup>te</sup> desgraçada com a doença do sirgo, a ponto de alguns mais impacientes começarem a arrancar as amoreiras -

(BNL, Esp. IV, Cx. 83/6, Mç. 135 (28))